

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL**

APARECIDA FATIMA VILHALVA FERREIRA

**OS OLHARES E VIVÊNCIAS NA TERRA JACI PORÃ: DESINVENTAR,
INVENTAR NOVOS AFETOS E PROVOCAR CURIOSIDADES**

**MATINHOS - PR
2023**

APARECIDA FATIMA VILHALVA FERREIRA

**OS OLHARES E VIVÊNCIAS NA TERRA JACI PORÃ: DESINVENTAR,
INVENTAR NOVOS AFETOS E PROVOCAR CURIOSIDADES**

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação do Campo e a Realidade Brasileira (CRB), do Curso de Especialização em Educação do Campo e a Realidade Brasileira a Partir dos Seus Pensadores (CRB), Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elisiani Tiepolo

MATINHOS - PR
2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SETOR LITORAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
 REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
 PENSADORES - 40001016329E1

ATA Nº03.2023


**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE ESPECIALIZAÇÃO PARA A
 OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
 REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES**

No dia um de dezembro de dois mil e vinte e três às 16:00 horas, na sala 13B, UFPR - Setor Litoral (Rua Jaguariaíva, 512, Matinhos/PR), foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de monografia da discente **APARECIDA FATIMA VILHALVA FERREIRA**, intitulada: **OS OLHARES E VIVÊNCIAS NA TERRA JACI PORÃ: DESINVENTAR, INVENTAR NOVOS AFETOS E PROVOCAR CURIOSIDADES**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: ELISIANI VITÓRIA TIEPOLO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela **APROVAÇÃO, com conceito APL**. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de especialista está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, ELISIANI VITÓRIA TIEPOLO, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

MATINHOS, 01 de Dezembro de 2023.

ELISIANI VITÓRIA TIEPOLO
 Presidente da Banca Examinadora

MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES
 Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado digitalmente
 MAURICIO CESAR VITORIA FAGUNDES
 Data: 28/12/2023 11:44:41-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 ELISIANI VITORIA TIEPOLO
 Data: 28/12/2023 22:06:38-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - MATINHOS - Paraná - Brasil
 CEP 83260-000

OS OLHARES E VIVÊNCIAS NA TERRA JACI PORÃ: DESINVENTAR, INVENTAR NOVOS AFETOS E PROVOCAR CURIOSIDADES

MIRADAS E EXPERIENCIAS EN LA TERRA JACI PORÃ: DESINVENTAR,
INVENTAR NOVOS AFECTOS Y PROVOCAR CURIOSIDADES

Aparecida Fatima Vilhalva Ferreira

RESUMO

O presente ensaio acadêmico é produto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em “Educação do Campo e a Realidade Brasileira a Partir dos seus Pensadores”, da UFPR Litoral. Tem como tema “Os olhares e vivências na Terra Jaci Porã.” O objetivo geral do trabalho é o de resgatar e sistematizar a trajetória de experiências vividas na Terra Jaci Porã, durante os anos de 2017 a 2023, na busca do *bem viver*, no contexto do crescimento desenfreado da especulação imobiliária no município de Matinhos, no Litoral do Paraná. O texto é um ensaio teórico, baseado na perspectiva qualitativa e utilizou como fontes de pesquisa as memórias e registros dos moradores deste território.

PALAVRAS-CHAVE: Terra Jaci Porã; Experiência; Práxis.

RESUMEN

Este ensayo académico es producto del Trabajo de Finalización de Curso (TCC) de la Especialización en "Educação do Campo e a Realidade Brasileira a Partir dos seus Pensadores " de la UFPR Litoral. El tema fue "Las miradas y experiencias en Terra Jaci Porã". El objetivo general del trabajo es recopilar y sistematizar la trayectoria de experiencias vividas en Terra Jaci Porã, durante los años 2017 a 2023, en la búsqueda de mejores condiciones de vida, en el contexto de crecimiento desenfreado de la especulación inmobiliaria en el municipio de Matinhos, en la Costa de Paraná. El texto es un ensayo teórico, basado en una perspectiva cualitativa y utilizó como fuentes de investigación las memorias y registros de los dos habitantes de este territorio.

PALABRAS CLAVE: Terra Jaci Porã; Experiencia; Práctica

ABSTRACT

This academic essay is a product of the Course Completion Work (TCC) of the Specialization in “Countryside Education and the Brazilian Reality from its Thinkers”, at UFPR Litoral. Its theme is “The views and experiences in Terra Jaci Porã.” The general objective of the work is to rescue and systematize the trajectory of experiences lived in Terra Jaci Porã, during the years 2017 to 2023, in the search for good living, in the context of the unbridled growth of real estate speculation in the municipality of Matinhos, on the Coast from Paraná. The text is a theoretical essay, based on a qualitative perspective and used the memories and records of the residents of this territory as research sources.

KEY- WORDS: Terra Jaci Porã; Experience; Praxis.

INTRODUÇÃO

O curso de Especialização em “Educação do Campo e a Realidade Brasileira a Partir dos seus Pensadores”, da UFPR Litoral, foi uma oportunidade acadêmica positiva que contribuiu para aprimorar a experiência da práxis na Terra Jaci Porã¹, localizada em Matinhos², litoral do Paraná.

A partir do curso foram possibilitados canais de trocas de saberes, através do contato entre diferentes experiências e olhares teóricos, o que foi primordial para o desenvolvimento cultural e evolução do humano em nós. Refiro-me a “nós” porque a experiência aqui relatada tem como protagonistas esta pesquisadora e seu companheiro.

Desta forma, o presente ensaio é uma expressão do exercício de diálogo entre a práxis vivenciada na Terra Jaci Porã e as problematizações socioambientais apresentadas no contexto local. Tem como objetivo geral resgatar e sistematizar a trajetória de experiências vividas na Terra Jaci Porã, durante os anos de 2017 a 2023, na busca do *bem viver*, através da experimentação afirmativa da vida, no contexto do crescimento desenfreado da especulação imobiliária no município de Matinhos.

O conceito do *bem viver* é usado aqui na perspectiva da práxis individual e coletiva, que só se torna coletiva a partir do individual de quem mora e pertence ao território sobre o qual pensa e age. No plano individual é teórico, no plano da prática se torna coletivo. O coletivo se expressa no respeito aos espaços com a gentileza que só por meio da educação vai se expandindo, com a evolução do humano em nós. Sendo assim, o *bem viver* é um aprendizado, como diz o mestre Ailton Krenak. Precisamos aprender ser sujeitos políticos na sociedade. E aqui na Terra Jaci Porã temos sede de saber este viver, mesmo que, para isso, por vezes, seja necessário nadar contra a maré.

¹ Para saber mais acesse o site o Projeto Terra Jaci Porã, link: <https://terrajacipora.wixsite.com/polinizacao>

É necessária uma dose de descontentamento para ser tornar um sujeito livre, atuando pelo bem comum, socializando os conhecimentos bons, que não devem ficar guardados. É ver a educação como possibilidade de outra realidade, é saber que sem o sonho não podemos despertar e nos libertar para o *bem viver*, que no contexto desse território é essencial a relação com a natureza, na construção de um mundo onde seja mais fácil amar. O bem viver temos que aprender com nossos ancestrais, que conviveram coletivamente sempre respeitando a natureza, que acumularam uma longa história que será o futuro em nós.

Nessa perspectiva, a Terra Jaci Porã é um projeto idealizado por dois professores sonhadores, que buscam construir uma vida com simplicidade, fora dos padrões da sociedade. Este é um relato sobre o que foi experimentado no espaço da Terra Jaci Porã, no brincar de viver; na leveza da vida, nossa vida é como um veleiro navegando no mar calmo mas às vezes enfrentando tempestades.

Por outro lado, não paramos de tentar nos esmerar, estamos sempre em busca do conhecimento, enquanto o vento do giro da saia rodada nos leva a velejar no mar calmo como uma canção de ninar, de onde, por vezes, temos que enfrentar o Leviatã. Há criaturas humanas que fazem emergir o que há de pior na escuridão de dentro. É assustador, mas também é um sinal de alerta. O lado ruim, o monstro da profundidade abissal está ali, à espreita, esperando o eu se distrair.

Fomos assombrados, em 2020, por um governo federal que pode ser relacionado ao pandemônio, e pela pandemia de Covid-19 que assolou a humanidade, que nos isolou uns dos outros. E só víamos nos noticiários humanos feito pássaros olhando pelas grades outros seres humanos sendo enterrados em covas coletivas pois morriam aos borbotões.

Fomos, desse modo, aprendendo a olhar o mundo com olhos de reverência.

Tivemos a sorte de morar na Terra Jaci Porã, que é um lugar parcialmente apartado da sociedade capitalista consumista. Aqui o tempo se desacelera e nos tornamos ricos na expressividade da vida. Para alguns é torturante o velho tempo se movimentando lentamente, mas a morosidade deste ancião nos atrai com seu odor de tangerina madura, nos aconchega em seu colo e nos conta longas histórias com aroma de café.

Supríamos as nossas necessidades conforme surgiam as demandas, estudando formal e informalmente, contemplando a natureza, aprendendo com sua sabedoria, generosidade e justiça, e, na sua simplicidade, buscando o autoconhecimento. Fugimos do que descreve Rubem Alves:

É o mundo capitalista, regido pela lógica do dinheiro. E o que ocorre é que o mundo estabelecido pela lógica do lucro — que inclui devastações ecológicas e até a guerra — está totalmente alienado, separado dos desejos das pessoas, que prefeririam talvez coisas mais simples. Assim, as áreas verdes são entregues à especulação imobiliária, os índios perdem suas terras porque gado é melhor para a economia que índio, as terras vão-se transformando em desertos de cana, enquanto que rios e mares viram caldos venenosos, e os peixes boiam, mortos... (RUBEM ALVES, 1981)

Chegamos aqui em Janeiro de 2017. Madrugada, adentramos no balneário Praia Grande, na cidade de Matinhos, litoral do Paraná, onde está localizada a Terra Jaci Porã. Finalmente, depois de três meses viajando³, apenas durante o dia, de bicicleta, viemos do Rio de Janeiro até aqui, margeando a BR101. Exaustos, enfim, cheios de perspectivas, sonhos e planos, chegamos no lugar onde seria, daquele momento em diante, nossa morada.

Nesta nossa viagem de bicicleta, tivemos a oportunidade de conviver com algumas pessoas de comunidades caiçaras, aldeias indígenas e Quilombos, assim como, também, passamos por vários aglomerados urbanos tão aterrorizantes que desafiavam nossas emoções.

Nessas nossas andanças, convivemos com a Natureza muito de perto, subimos e descemos montanhas, andamos por rodovias e estradas de chão, acampamos em praias e florestas e foi nestas vivências de resgate cultural que fomos compreendendo e fortalecendo nossa ancestralidade que chega no cérebro e fica registrada na mente. E sempre que é acessada, vem à luz, engravida a semente, que incha e se rasga para receber o broto fecundo, que fica ali, se fortalecendo, para emergir e enfrentar o mostro da lagoa:

Cantando
Dançando

³ Para conhecer o Projeto Professores Itinerantes acesse o site:
<https://professorespenocha.wixsite.com/polinizacao>

Passando sobre o fogo
Seguimos num contínuo
O rastro dos nossos ancestrais.

Esse pequeno poema é um canto. Ele está sempre lembrando a gente de que quando estamos andando aqui hoje, estamos andando nos rastros de nossos ancestrais. (KRENAK, 2020, p. 29)

O som do vento a dançar com as folhas das árvores, a eterna serenata do velho mar, as aves plainando, tudo nos foi tornando leves de paz. Cada sílaba das palavras pronunciadas por nossas anciãs são notas musicais que eclodem no espaço sideral, onde ficam resguardadas todas as nossas memórias, que voam na sonoridade da melodia da vida. Caminhar um pedacinho da natureza, dos primeiros tempos de uma civilização que ainda sobrevive foram passos gigantescos na nossa estrada, por onde fomos assimilando que o futuro está escrito no passado.

Toda esta odisseia nos proporcionou a condição de ir nos apropriando da lucidez de quem aprende que já pode propor e agir. Aprender, que vem da compreensão de que o processo de Conhecer e Compreender é infinito e não cessa com uma etapa didática. Esse é um dos ensinamentos que o Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, onde realizei minha graduação, deixou como fundamento de educação e de vida. (UFPR Litoral, 2008)

No entanto, não demorou muito para que a realidade da grilagem de terras e a especulação imobiliária arreganhassem os dentes numa risada de bafo fétido. Em princípio, não nos abalamos, mesmo porque, ainda não entendíamos a realidade paralela em que viviam estas pessoas, suas distorções e contradições. Foi então que começamos a experimentar caminhos incertos e tivemos que aprender e a enfrentar; depois, o aprendizado de ter o olhar sob outras perspectivas, ou seja, observar sob outros aspectos a experiência de pertencer ao território e suas discrepâncias. É difícil expressar sensações reais e físicas, energia vibrando, às vezes, maravilhosas, às vezes, aterrorizantes. Às vezes a paz penetra o ser num segundo na batida do coração, às vezes, uma goela escura, que se abre tentando nos devorar.

Não sei ao certo o que é nosso planeta.

Se é um palco com um elenco a representar.

Se é um picadeiro cheio de palhaços a chorar.

Se é um rodeio de peões que não sabem montar.

Se é um velho, que erra, erra e volta a errar.
Ou se é um asteroide, que aí está à toa
Para confundir um bobo
Que a tenta decifrar.

Esse pertencimento é uma espécie de responsabilidade ética, através das novas possíveis experiências que possam estimular o pensamento sobre as brechas no tempo e no espaço capitalista, mostrando que existem, sim, outras maneiras de habitar o espaço, existem outras possíveis formas de sociabilidade, e a diversidade humana nos presenteia com esta lição. Porém, na medida em que buscamos distância da regra geral, somos alvo de muito preconceito e perseguição. De toda forma, acreditamos que a educação nos possibilita ter outras realidades. Acreditamos na cultura como resistência.

Vivenciamos imensas dificuldades de adaptação até entendermos que, para educar, é necessário pleitear o respeito de pessoas que não assumem nenhum compromisso com o local em que habitam. O mundo da vida solidária e que comunga espaço com a natureza é o oposto do mundo capitalista, que tem o consumismo e o lucro como forma de atuar. Neste momento, em que houve a mudança do governo federal e começam a se reestruturar as políticas públicas em uma perspectiva de respeito às pessoas e à natureza. Porém, esse convívio está aparentemente mais civilizado, podemos respirar mais aliviados, proporcionando a nós a readaptação e nos empoderando dos nossos projetos aqui na Terra Jaci Porã.

Pautados na constante busca da construção de uma consciência crítica acerca da realidade que habitamos, a Terra Jaci Porã é também uma expressão de potência. A vontade de potência de quem possui lucidez para sonhar e criar tempos e modos de existir. Um exercício teórico da razão num espaço coletivo e laico.

Como educadores, nosso objetivo é construir um Ponto Cultural, capaz de dar fortalecimento aos enfrentamentos de resistência, na tentativa de impedir que nossa pequena Mãe, a Mata Atlântica, seja pelos parasitas vorazes levada à morte. Já tivemos a dor de observar uma ave solitária andando em meio aos escombros da floresta estrupada e morta por humanos, feras da mais escabrosa ignorância. Nós precisamos com urgência, aprender a proteger a beleza:

A Mata Atlântica é extremamente importante tanto economicamente, quanto ecologicamente. As formações florestais encontradas na Mata Atlântica ajudam, por exemplo, na regulação do clima e proteção do solo. Não podemos esquecermos ainda de que sete das nove maiores bacias hidrográficas brasileiras estão na Mata Atlântica, e a vegetação preservada protege rios e nascentes, garantindo, desse modo, o abastecimento de água para a população. Neste contexto, a conservação dos remanescentes de Mata Atlântica e a recuperação da sua vegetação nativa tornam-se fundamentais para a sociedade brasileira. (Ibflorestas.org.br)

DESINVENTAR, INVENTAR NOVOS AFETOS E PROVOCAR CURIOSIDADES

A proposta do Ponto Cultural, na verdade, é apenas um nome que precisamos adotar para organizar um espaço dentro da burocracia do Estado, já que a nossa casa sempre foi aberta para todas as pessoas que, de alguma maneira, dela precisaram, tanto para a comunidade usar internet como para reuniões para debater política, comer, beber e conversar, também para expressões artísticas, e, inclusive para alguns estudantes morarem enquanto não estivessem estabelecidos. Entendemos que as práticas cotidianas podem tornar-se revolucionárias na medida em que são oportunidades para a prática da liberdade. Também tivemos quatro anos (2018-2022) de retrocesso político, principalmente nas áreas sociais, o que manteve guardado na caixinha das aspirações, este sonho de realizações, que agora esperançosos estamos a retomar:

A sustentabilidade não é uma coisa pessoal. Ela diz respeito à ecologia do lugar em que a gente vive, ao ecossistema que a gente vive. Por exemplo, se vocês estão na Mata Atlântica, na faixa do litoral, então a ecologia é a da Mata Atlântica. Os nossos parentes Guarani e o pessoal que vive na Serra do Mar, que vivem na grande faixa de litoral do Rio, estão na Mata Atlântica, esse lugar maravilhoso. (KRENAK, 2020)

Obviamente, não deixamos de trabalhar e fomos manipulando as tessituras do entorno, fazendo experimentos no convívio com a terra, respeitando seu tempo. Aqui, como é/foi um lugar de caixetas, um tipo de madeira, pois é um lugar de alagados onde o lençol freático é aflorado, fomos então aprendendo as árvores de frutas nativas, que se adaptavam nesta terra encharcada:

As áreas de caixetas vêm sofrendo um processo de desaparecimento baseado em três pontos básicos relacionados diretamente a ações antrópicas que refletem a falta de conhecimento dos caixetas pelo homem, que ignoram o conhecimento e a experiência de populações tradicionalmente

"manejadoras" de caixa: o assoreamento dos rios e conseqüentemente das áreas de várzea, por sedimentos originados da erosão dos solos, lançamento constante de detritos sólidos nos cursos d'água por indústrias e centros urbanos em geral, expansão desordenada dos centros urbanos e especulação imobiliária no litoral. (KALIMANATURALI).

Esse aprender a natureza está relacionado com os ensinamentos do mestre Paulo Freire, que nos inspira a buscar conhecimento, e, a cada vez mais, percebermos as correntes que nos prendem e entendemos que delas precisamos libertar-nos. Tentar nos libertar das correntes que nos prendem é um exercício diário, é um ato de resistência, é preciso ser um bravo guerreiro!

E é este o motivo que nos leva a agradecer-lhe por sua amorosa dedicação. Diáfanas asas de esperança, que deixa leve nosso caminhar e olhar a vida como uma promessa. E seus ensinamentos de amorosidade, fé, humildade como características de um educador libertador inspiram a práxis na terra Jaci Porã.

Em seis anos, fazendo, na maioria das vezes, o plantio por sementes, já estamos colhendo goiabas, maracujás, bananas, canas, araçás, umbu cajá, amoras e urucum. Daqui a pouco teremos o araticum nativo da floresta e as atas cultivadas, além das maçãs, caquis, nêspersas, acerolas e jabuticabas. Todas estas espécies de árvores adaptaram-se e sobreviveram às cheias, que, uma vez por ano, quase sempre no ápice da lua cheia de janeiro, alaga toda a Terra Jaci Porã.

Essa contextualização é necessária para se compreender que a Terra Jaci Porã nasce enquanto um projeto de recuperação de uma área de preservação permanente (APP de aprox. 1000m²), que estava sendo degradada. É através do manejo agroecológico que estamos colaborando com a recomposição do solo e da Floresta Atlântica. Os resultados têm sido muito promissores, mas os desafios ainda são enormes. E tudo isso fazíamos, no início dessa jornada, sem ter aqui nem água potável nem energia elétrica.

E chegou o tempo que nossa vida na Terra Jaci Porã ficou adormecida. Fomos convocados pelo processo PSS (Processo Seletivo Simplificado) para trabalhar nas escolas, o que nos proporcionou outro tipo de frutificação, pois tínhamos agora um salário e conseguimos a instalação de energia elétrica, o que nos propiciou escavar um poço hidráulico, instalar internet e ter alguns confortos das engrenagens do sistema do mercado consumista, enquanto reivindicávamos, na justiça, através da elaboração de documentos, o direito cidadão de ter água potável, que só nos foi

possibilitado pela amorosidade da advogada Dra. Livia Moura, parceira do Projeto Terra Jaci Porã.

Hoje o projeto atende a diversos objetivos de Políticas Públicas Socioambientais, como: Plano Municipal da Mata Atlântica; Plano de Desenvolvimento Sustentável do Litoral do Paraná; Política Municipal de Agricultura Urbana e Periurbana; Política Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica; Plano de Manejo do Parque Estadual Rio da Onça; Política Nacional de Pagamento por Serviços Ecossistêmicos; Lei da Mata Atlântica.

Leis, aliás, que, ironicamente, são ignoradas pelo poder público que insiste em aprovar um plano diretor devastador, em decisões deliberadas por pessoas totalmente alheias à realidade local e são estas pessoas que apoiam de forma incontestável este Plano diretor, são os moradores ocasionais em conluio com especuladores do ramo imobiliário, querendo decidir o futuro da nossa cidade que prevê a construção de mais edifícios de uso ocasional, enquanto jogam os caixas para fora das suas moradias e se apropriam das suas terras.

No atendimento destes objetivos de políticas, a Terra Jaci Porã presta diversos serviços ecossistêmicos para o município de Matinhos, mesmo que estes sejam invisibilizados. O projeto tem o compromisso de aprimorar cada vez mais o trabalho e as parcerias pelo desenvolvimento sustentável da cidade.

Dentre os principais serviços prestados, podemos enumerar: drenagem e controle das cheias e inundações; limpeza e recuperação do riacho; recuperação do solo; controle de pragas de doenças transmitidas por mosquitos; cultivo e Manejo de espécies arbóreas nativas (reflorestamento); preservação da fauna e flora nativa; multiplicação dos agentes polinizadores; Proteção ambiental contra grandes eventos climáticos; Equilíbrio térmico; produção de alimentos saudáveis; desenvolvimento e pesquisa em tecnologias socioambientais; Educação Ambiental e Comunitária; geração de renda.

Paralelamente ao trabalho na/com a terra, fomos desenvolvendo ferramentas, como um desidratador solar, onde ressecamos açafrão da terra, ervas de chá, e temperos e frutas que colhemos.

Agora, depois de sobrevivermos à pandemia da COVID-19 e andarmos à beira do precipício da desesperança provocada por um governo fascista e genocida, voltamos a nos esperar, saímos da barbárie e retornamos à civilidade e o sonho

do Ponto Cultural voltou a ser acessado. A nossa visão é construir um espaço onde trabalharemos para que seja um ambiente de trocas de saberes, sabedorias independentes da escolaridade. Um espaço de educação contínua e comunitária, onde a práxis seja o aprendizado.

A partir desse resgate e da conjuntura política vinculada novamente a políticas públicas, os próximos anos têm a perspectiva de olhar a Educação e a Cultura como prioridades. Acreditamos que o Ponto Cultural na Terra Jaci Porã é uma estratégia para alcançarmos nosso objetivo de Educação Comunitária, entendendo a Educação como movimento de emancipação. A educação, na perspectiva da prática da liberdade, é um ato político, pois não existe educação neutra.

Fazemos eco às palavras de Paulo Freire, de que “A conscientização é um compromisso histórico (...), implica que os homens assumam seu papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (...), está baseada na relação consciência-mundo”. (FREIRE, 1979)

PALAVRAS FINAIS

Quando, em 2006, comprei o terreno do que seria a Terra Jaci Porã, no balneário Praia Grande, em Matinhos, Paraná, o lugar era repleto de Mata Nativa, com predominância das caxetas, tanto que o acesso para nosso terreno era por uma pequena trilha pelo meio do brejo, que, no inverno, ficava sob uma cortina das brumas de neblinas. O vento trazia do mar uma espessa nevoa que encobria todo caminho entre as árvores.

Neste nevoeiro eu o visualizo, todo iluminado, movendo-se lentamente em minha direção, docemente segura minha mão e, radiantes, começamos a caminhar juntos, num tranquilo prazer de viver.

Nos finais de semana, de lua cheia, aqui vinha me encontrar, eu fazia uma fogueira ao lado do riacho, que, naquele tempo, tinha suas águas cheias de vidas e atravessava orgulhoso a floresta, para desaguar no rio e chegar ao mar.

Hoje, ele é um ancião, quase derrotado pelas mãos da especulação imobiliária que invade a floresta que, sem nenhum projeto de saneamento básico, joga nele os dejetos humanos das casas com piscinas, muradas, rodeadas de focos de energia elétrica e câmeras e sem nenhuma árvore nativa para contar a história.

Era aqui que eu me reconectava com meus ancestrais, ouvindo a cantiga das águas, do fogo, no clarão da lua cheia, tão límpido que podíamos enxergar a nossa sombra na terra assim como as sombras das árvores, pois ainda não havia a interferência das luzes artificiais dos focos da cidade, que agora está engolindo todo o ecossistema:

A digitalização aumenta o ruído da comunicação. Não só acaba com o silêncio, mas também com o tátil, com o material, com os aromas, com as cores flagrantes e, sobretudo, com a gravidade da terra. A palavra humano vem de húmus, terra. A terra é o nosso espaço de ressonância, que nos enche de felicidade. Quando abandonamos a terra, a felicidade abandona-nos. (Byung Chul. Han, 2022)

Aqui, eu era indolente crisalida brilhando ao pôr do sol observando a mamangava que polinizava exalando aromas de gratidão em face da generosidade da Mãe Terra.

Após o término das aulas, na UFPR Litoral, quando cursava o Técnico em Orientação Comunitária, nos finais de semana, este era meu esconderijo.

Foi assim, sentindo o beijo da brisa do sopro das divindades, que batizamos esta terra de Jaci Porã, em Tupy Guarani, literalmente, Lua Bonita.

Hoje restam essas memórias iniciais e aprendemos que o espaço, enquanto um Ponto Cultural, deve ser sempre no lugar onde estamos inseridos. O aqui e agora não é um lugar fixo, é fixo enquanto nele vivemos, e é esta a sua importância, por não ser um lugar meu, mas nosso, um espaço que une e não que separa.

Estamos aprendendo a arte de viver, temos muitos projetos, talvez sem muita noção de como chegar a um propósito maior e é este o motivo que sempre buscamos pela contínua formação acadêmica, pois entendemos que ela pode nos guiar para possíveis atalhos para o conviver ativo na sociedade, no pensar na coletividade, no

aprender com o conhecimento tradicional, praticando a vivência da Economia Solidária.

Deixamos também, registrado aqui, um pedacinho de nossa convivência com as plantas medicinais que cultivamos e utilizamos no cotidiano, na tentativa de revelar não somente nossas descobertas de seus potenciais curativos, mas como também toda sua estética viva! A vida pulsando na batida de nossos corações. Almejamos ultrapassar a ideia do mero exercício dos direitos e deveres, embora sejam fundamentais.

Este é o nosso desafio: não fazer algo pronto, mas algo a ser edificado constantemente. Afinal, como afirma Freire, "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão." (FREIRE, 2022, p.78)

REFERÊNCIAS

ALVES. R. *O que é Religião? As flores sobre as correntes*. Disponível em: https://www.paralerepensar.com.br/paralerepensar/texto.php?id_publicacao=7719 Acesso em 29/06/2023.

BYUNG CHUL. HAN. *Louvor à Terra: Uma viagem ao jardim*. Editora Vozes. 2020.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra 2022.

FREIRE, Paulo, *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 1979.

IBF. *Bioma Mata Atlântica*. Disponível em: Aces <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica> so em 29/06/2023.

KALIMANATURALI. *Caixeta (Tabebuia cassinoides)*. Disponível em: <http://www.klimanaturali.org/2011/06/caixeta-tabebuia-cassinoides.html> . Acesso em: 29/06/2023.

KRENAK. A. *Caminhos para a cultura do Bem Viver*. 2020. Disponível em: <https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf>. Acesso em: 29/06/2023.

UFPR LITORAL. *Projeto Político Pedagógico*. 2008. Disponível em: <https://litoral.ufpr.br/ufpr-litoral/projeto-politico-pedagogico/> Acesso em 29/06/2023.